

# PONTO DE ENCONTRO COM OS ASTROS DO SERTÃO



**Gestão Associativa e Design Social no Polo da Palha do Licuri**  
Uma experiência sócio-produtiva-ambiental no semiárido baiano

Sistematização de Práticas Sociais

Bahia Brasil



# PONTO DE ENCONTRO COM OS ASTROS DO SERTÃO

**S**eria possível, apenas a partir de novos conhecimentos adquiridos e apoios adicionais, causar desenvolvimento de modo permanente em comunidades que vivem em locais de extrema pobreza, usando somente folhas secas de Licuri e troncos de umburana caídos espontaneamente na Caatinga do Semiárido da Bahia?

Pode ser que você não acredite, mas vamos lhe contar uma história que trata da evolução por que passam algumas comunidades produtoras de artesanato localizadas no coração do Semiárido baiano, cuja transformação de suas produções tem na base apenas a geração de novos conhecimentos, a disseminação para onde esses conhecimentos não existiam, o que chamamos de troca de saberes, a persistência e a perseverança do povo sertanejo, as folhas do Licuri e araras de cor azul.

Esta história é fruto do esforço coletivo de uma equipe de profissionais dedicados ao desenvolvimento sustentável de comunidades rurais, tendo seus principais focos de atuação na gestão das associações locais, na melhoria dos produtos e sua inserção nos mercados. Essa história fala de práticas sociais realizadas pela Associação Movimento João de Barro em parceria com a Overbrand Designers Associados, além de outros importantes parceiros, numa caminhada de mais de dez anos realizada com comunidades de artesanato dos municípios de Santa Brígida, na localidade de Morada Velha, de Jeremoabo, na comunidade do Chuquê e em Euclides da Cunha, na comunidade de Serra Branca,

todas localizadas no coração do Semiárido nordestino que, em conjunto, formam o que aqui chamamos de Polo da Palha do Licuri, que envolve cerca de 45 artesãos e artesãs.

O presente trabalho tem como objetivos reunir conhecimentos gerados com as práticas realizadas por estas organizações, disseminar esses conhecimentos e resultados para outras comunidades, bem como demonstrar que isso não foi construído ao acaso, mas ao longo de um longo tempo e com uso de metodologias responsáveis, mas que podem ser aperfeiçoadas e reaplicadas em outras comunidades no Semiárido do nordeste do Brasil, sem pretenderem ser únicas nem fazerem milagres.

Esperamos que esta história sirva de estímulo para iniciativas futuras que contribuam com novos aprendizados sobre alternativas para a convivência do sertanejo com a seca e possam facilitar outras inserções de apoio ao desenvolvimento sustentável, não apenas de artesãs e artesãos, mas também para outras comunidades produtivas do Semiárido nordestino.

Essa Cartilha poderá ser útil para uma grande diversidade de grupos produtivos, além daqueles ligados ao setor do artesanato, tais como agricultores familiares, pescadores e marisqueiras, costureiras, dentre outros, além de jovens e adultos que atuem no desenvolvimento de territórios e na capacitação de associações e cooperativas, especialmente do meio rural.

Para os leitores que busquem novos elementos técnicos que os ajudem a

interagir com seus públicos-alvo, recomenda-se a leitura dessa cartilha procurando deixar-se penetrar na história, que é baseada em fatos e personagens reais, buscando observar as dicas e o passo a passo das metodologias de gestão associativa e de design social, apresentados ao longo da história.

Para as associações do Polo da Palha, além de servir aos propósitos acima, essa Cartilha poderá ser utilizada como forma de disseminar não apenas seus produtos, como também parte de sua história, de sua cultura, do meio ambiente no qual estão inseridas, além dos conhecimentos gerados especialmente nos últimos dez anos.

Isso alcançado, a parceria da Associação Movimento João de Barro com a Overbrand e o Programa Semear – implementada pelo Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) com o apoio da Agência Espanhola para Cooperação Internacional (AECID), terá cumprido o seu papel no estímulo à produção, sistematização e disseminação de conhecimentos onde mais é necessário no território baiano.

## ACORDANDO PARA A VIDA

- Zé Vaaaaldo!! Zé Vaaaaldo!!!! Ô Zé Valdo... acorda! O ônibus está chegando em meia hora e você não pode perder o horário para Euclides



da Cunha. Acooorda Zé Vaaaaldo!!

- Já vou, já vou, minha flor... só mais cinco minutinhos.

- Que nada Zé, vamos, levanta!!!!

- Tã, tã tã, minha flor. Você venceu.

Em dez minutos tô pronto.

Tomando aquele cafezinho rápido para não perder o bonde, a D. Lurdes, sua esposa, pergunta:

- Para que é mesmo esse encontro lá em Euclides, Zé? Você acha mesmo que vale a pena fazer essa viagem? Não é sempre a mesma ladainha????!!!

- Ô minha flor, esse encontro vai reunir artesãs e artesãos das comunidades de Serra Branca, do Chuquê e daqui de Morada Velha, além de outras comunidades e associações de artesanato da nossa região e instituições que poderão nos apoiar no futuro. Lá em Euclides, cada uma vai contar a sua história e vai tentar mostrar a todos os presentes que, apesar das dificuldades, a gente pode se organizar, produzir artesanato de qualidade, vender para o mercado e aumentar a nossa renda, além de poder ajudar outras comunidades a se desenvolver, assim como a gente está se desenvolvendo.

- Isso não vai dar em nada, como sempre!!!!

Falou D. Lurdes com aquele tom de dúvida que é comum a gente ouvir por aí, quando as coisas não estão fáceis.

- Minha flor, se a gente não tentar, a gente não consegue... se três coisas não dão certo, pode ser que a quarta dê!! É preciso não apenas pensar positivo, o que já é muito bom, mas também agir para que aconteçam as coisas que a gente quer para nós e para nossa comunidade. Você acha que a gente consegue as coisas sentados olhando para o céu???

Bibiiiiii, bibiiiiiiiiiiiiiii!!! Busina seu Bernardo, motorista do ônibus, na porta da casa de Zé Valdo.

- Zé, o ônibus chegou!!

Gritou D. Lurdes.

- Vamos embora Zé, vamos embora, estamos atrasadas!!!!!!

Gritava o pessoal de dentro do ônibus.

Após a entrada de Zé Valdo no busú, D. Rita, matriarca dessa comunidade, falou com voz firme:

- Pronto pessoal, vou fazer a chamada final para ver se estão todo mundo aqui:  
Elizabete dos Santos,  
presente, Jessica M<sup>a</sup>  
dos Santos Rosa,  
presente...

e assim um a um  
era chamado,

Idajina,  
Ivanilda,  
José dos  
Santos,  
José

Valdo, Jucileide,  
Maria José, Maria  
Josélia, Maria  
Rosa, Marileide,  
Ana Iza, Rita, Sueli,  
Maria Nascimento,  
Maria de Lourdes e José

Detino... todo mundo com a carteira de identidade em mãos? Certo, o ônibus está completo, vamos embora seu Bernardo. A comunidade do Chuquê, lá em Jeremoabo, é a próxima parada!!

concluiu D. Rita.

E assim a comunidade da Morada Velha seguiu cruzando o município de Santa Brígida em direção a Jeremoabo, intercalando estradas asfaltadas, estradas sendo asfaltadas e estradas de chão onde o ônibus sacolejava bastante.

## **EU SOU EU, LICURI É COCO E AS ARARAS... INCRÍVEL... SÃO DE COR AZUL!!!**

Pela janela do ônibus se via a seca estampada na Caatinga, que teimava em dizer que ali tinha muitas riquezas, apesar da falta d'água. Era possível entender suas riquezas ao ver imponentes, verdes e firmes licurizeiros de todas as idades sorrindo para as Araras Azuis, sim, araras de cor azul, que deles se alimentavam e coloriam parte daquele ambiente de cor pálida.

Era possível também notar, em outras áreas, a ação devastadora do ser humano, que ao fazer suas roças de milho ou pastagem para o gado, destruíam de uma só vez o licurizal que a natureza levava centenas de anos para criar. Como resultado disso, as Araras Azuis dessa



região, que se alimentavam basicamente do fruto do Licuri, ao longo dos anos, passaram a comer também do milho, aquele milho que os agricultores plantaram depois de acabar com o licurizal.

E aí?... bala nas araras para não acabar com o milharal. Centenas de Araras Azuis foram, dessa forma, exterminadas, sem qualquer compaixão ou preocupação. Mas, um dia essa história seria escrita de outra forma e o artesanato regional seria um dos grandes responsáveis pela preservação tanto do Licuri, quanto da chamada arara-azul-de-lear, espécie original dessa região, única em todo o planeta Terra.

Falando um pouco da Caatinga, D. Rita, a grande mãe do artesanato dessa região, contava para outras mulheres sentadas perto dela que essa vegetação é típica do Semiárido nordestino. Os estudiosos achavam no passado que era pouco importante. Porém, hoje já se sabe que tem muitas plantas e animais surgidos ali mesmo, endêmicas, como as Araras Azuis, que são muito importantes para a natureza e também para os seres humanos e que, por isso, deve ser considerada como um patrimônio biológico da humanidade, de valor incalculável. A Caatinga, “a mata branca” como também é conhecida, é exclusivamente brasileira, não existindo em nenhum outro lugar do planeta Terra.

Além da grande importância biológica, por conter tanta vida, D. Rita contava que a vegetação da Caatinga apresenta uma capacidade de contribuir com a economia do Semiárido, mas muita gente ainda não despertou ou não aprendeu a explorar essa capacidade, ainda pouco valorizada. Conhecida como

a palmeira sertaneja, o Licuri aparece com uma das riquezas contidas no Semiárido nordestino. Sua região de ocorrência se estende do norte do Estado de Minas Gerais até o sul de Pernambuco (sertão pernambucano), ocupando também boa parte dos Estados de Sergipe e Alagoas.

Ela disse ainda que, por ser totalmente aproveitável, o Licuri é uma palmeira que vem sendo explorada de modo extrativista desde os tempos do Brasil colônia, há mais de 500 anos. O licurizeiro apresenta diversos usos, sendo empregado na alimentação animal, em criações de caprinos, ovinos e bovinos, alimentação humana, produção de artesanato, produção de cera e óleos, construção civil, indústria de cosméticos, fabricação de sabões e para a produção de tintas, além de ter um alto potencial para fins ornamentais e para a produção de biodiesel, que pode vir a substituir a gasolina.

Para quem não sabe, da folha do Licuri são produzidos objetos de decoração e utilitários, tais como: bandejas, sacolas, bolsas, porta-joias, boleiras, vassouras, lustres, cestos de pão, soupsplats, abajur, lustres, dentre outros. Da madeira são produzidas réplicas da fauna local, como o Galo de Campina, a Garça e o João de Barro, entre outras aves para decoração e objetos como cabides são feitos entalhados a mão. Em Morada Velha o símbolo é o

Galo de Campina, já no grupo de Serra Branca o símbolo é a

Arara Azul. Em geral, os homens trabalham com madeira e as mulheres trabalham com a palha.

O artesanato confeccionado no Polo da Palha do Licuri é totalmente sustentável. Nas peças da palha de Licuri e nas madeiras não são utilizados produtos industrializados.



Área de Manejo do Licuri situada em Santa Brígida

Os tingimentos são feitos a partir de outras plantas da Caatinga, que são posteriormente replantadas. A madeira utilizada é madeira morta, geralmente umburana, que já caiu ao solo e o acabamento é feito com cera de carnaúba.

Com relação ao trato do Licuri para uso no artesanato, ela lembrava que o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) de Paulo Afonso elaborou, em 2009, o Plano de Manejo Sustentável para Extração da Fibra do Licuri, através da parceria com a empresa Semear Ambiental, sediada em Salvador. Esse Plano de Manejo foi construído participativamente com a Associação de Artesãos de Santa Brígida, com o objetivo de esclarecer aos associados sobre como fazer a extração das folhas de acordo com as leis ambientais. Esse trabalho pode ajudar na seleção de uma área maior na região que seja legalizada para a colheita da palha do Licuri para o artesanato, ou seja, uma reserva extrativista de Licuri.

Esse trabalho está dando certo e, atualmente, a Semear Ambiental está trabalhando junto com o João de Barro e junto com a Secretaria do Trabalho, Emprego, Esporte e Renda (SETRE) com o objetivo de realizar esse mesmo trabalho com a Associação dos Artesãos de Lear do Chuquê, em Jeremoabo. É possível que logo ali no Chuquê, também possa surgir uma reserva extrativista de Licuri, contava ainda D. Rita.

Nesse momento, D. Rita se calou ao ouvir: bibiiiiii, bibiiiiiiiiiiiiiii!!! bibiiiiiiiiii. Era a busina do ônibus de seu



Bernardo, chegando à comunidade do Chuquê.

D. Maria do Carmo, uma das lideranças dessa comunidade, foi a primeira a aparecer já com uma lista de presença em mãos, indicando quais as pessoas dessa comunidade iriam participar do evento e dando as boas vindas ao grupo da Morada

Velha, com beijinhos lançados com as mãos.

- Olá minha gente!!!! Bom dia D. Rita, bom dia pessoal!!

Falou D. Maria do Carmo acenando para todos.

- Estou vendo que ninguém faltou, isso é que é compromisso e responsabilidade!! Mas a gente não vai ficar atrás.

Falou iniciando também a sua chamada

- Cleideneide, Everane, Fabiano, Flávio, Gilma, Jocélia, Joelma, Maria de Jesus, Maria Silvestre, Marivalda, Roseane, João Batista, Safira, Maria Edilene, um a um respondendo presente, presente, presente... todo mundo com a carteira de identidade em mãos? Com a resposta positiva de todos, a comunidade de Serra Branca é a próxima parada!!! Vamos em frente!!!

disse D. Rita para seu Bernardo.

E o ônibus voltava a sacolejar as mulheres que eram a grande maioria dos presentes, não se podia deixar de notar. A gente já contava 25 mulheres, 6 homens e 9 crianças, num total de 40 pessoas, artistas artesãs e artesãos fazendo história.

O narrador dessa história se encontrava ali na última cadeira do busú, observando os acontecimentos. Mulheres fortes, essas do sertão nordestino. Trabalham em casa, cuidam dos filhos, dos maridos, trabalham nas lavouras e ainda têm tempo para criar novos produtos a partir das folhas do Licuri, colhidas por elas mesmas no meio dos perigos da Caatinga: o artesanato de palha. Arte, pura arte... artesanato.

Com todas essas qualidades não é estranho que sejam as lideranças. Já a arte em madeira de umburana caída ficava para os homens, na sua maioria, por ser um trabalho mais pesado.

No caminho para Serra Branca, algumas artesãs de Morada Velha e do Chuquê trocavam informações sobre como estavam os preparativos para a participação do Polo da Palha na Feira Internacional de Mão de Minas que aconteceria poucos meses mais à frente. O planejamento da produção da nova coleção estava dando resultado e as metas estavam em dia. Cada associação já havia produzido cerca de 100 peças, envolvendo *sousplats*, porta copos, cobre bolos, porta trecos, dentre outros produtos da nova coleção.

A meta estabelecida em comum acordo com as três comunidades nas atividades de capacitação com o João de Barro e a Overbrand era de 300 peças por comunidade. Enquanto as artesãs das duas comunidades mostravam seus produtos

umas às outras, era muito comentado que o controle de qualidade estava funcionando bem, pois todas as peças produzidas estavam nos padrões estabelecidos também em comum acordo entre as três comunidades. Era o espírito do Polo da Palha do Licuri sendo materializado: cada qual com a sua identidade e produtos de cada lugar, mas também produzindo produtos idênticos aos das outras duas associações, nos mesmos padrões para poder atender aos pedidos maiores que apenas uma comunidade não conseguiria alcançar. Era a união de todos com o objetivo de aumentar as possibilidades de vendas para todos.



Os artesãos, por sua vez, conversavam sobre como as Garças, as Araras Azuis, os Galos de Campina e os João de Barro estavam também atendendo aos padrões de qualidade combinados em comum acordo entre as três comunidades, produzidos a partir da coleta de umburana caída espontaneamente na Caatinga. Todos entendiam que preservar a Caatinga, o Licuri

e as Araras Azuis era dar condição para que o artesanato da região existisse para sempre. Isso era a consciência ambiental necessária para dar sustentabilidade ao artesanato. Sem Licuri, nada de Arara Azul, sem Licuri, nada de artesanato. Sem a Arara Azul, uma identidade local seria perdida para sempre.

Rapidamente aquelas longas horas de viagem se tornaram curtas com tantos assuntos sendo colocados em dia no busú e logo se ouvia: bibiiiiii, bibiiiiiiiiiiiiiii!!! Busina seu Bernardo, chegando à comunidade de Serra Branca, em Euclides



Na página ao lado, produtos do artesanato do Polo da Palha do Licuri.  
Fauna da Caatinga pintada em umburana caída de Santa Brígida

da Cunha, enquanto as mulheres na janela chamavam – Nêêêgoo!! Vamos Nêgo!! Anda logo!! Estamos atrasadas!! Nesse momento a mulher de Nêgo, D. Euzébia, aparecia na janela dando seu aceno em direção ao busú cumprimentando todos e desejando uma boa viagem, enquanto ele caminhava em direção do coletivo.

Cumprindo o ritual aprendido pela convivência em grupo, D. Edilene, uma das lideranças de Serra Branca, fazia a chamada para se certificar que todas as artesãs e artesãos listados dessa comunidade estavam presentes. – Nivalda, presente, Edilene, presente, Noélia, Antônio Narcizo, Ana Maria, Juscileide, José Amilton, Margarete, Marinalva e Maria Ilza, um a um falava presente e tomava seu lugar no busú, ao tempo em que se congratulavam com os demais. Algumas, como de hábito, trançando alguma peça para aproveitar o tempo da viagem de mais de três horas, o que não faz bem para as vistas, por conta dos sacolejos do busú na estrada.

E assim, o busú seguiu para sua última parada, na cidade de Euclides da Cunha, na Casa da Cultura da cidade, após o comando de D. Rita, atenta a tudo o que acontecia na viagem, apesar de sua idade avançada. Uma matriarca, uma grande força no corpo de mulher.

No caminho se via revoadas de Araras Azuis cortando o silencioso céu azul daquela ensolarada manhã de quarta-feira, e outras araras, aparentemente desgarradas dos grupos, aproveitando o tempo para se alimentar de coquinhos do Licuri, acompanhavam o busú com o olhar, como se quisessem dizer: preservem nosso Licuri, preservem nossa alimentação, sem isso a gente não vive!! Nós dependemos de vocês!!!

## **CADA CASO É UM CASO, MAS TEMOS ALGO EM COMUM**

Já com as três comunidades dentro do busú, Zé Valdo de Morada Velha pediu silêncio e a palavra ao grupo para dizer:

– pessoal, conforme aprendemos em nossos treinamentos, vamos eleger democraticamente uma coordenadora ou um coordenador e outra pessoa para secretariar as nossas atividades do dia de hoje. Assim, nosso dia será mais organizado e mais produtivo.

Com a concordância de todos, D. Maria Silvestre do Chuquê se apresentou para coordenar a comitiva juntamente com Nêgo secretariando os trabalhos, tendo sido aprovados por todos os presentes.

– Então temos a seguinte pauta a cumprir, prosseguiu D. Maria Silvestre, já coordenando os trabalhos dentro do busú em movimento, o que não é tarefa fácil, além de precisar de muita garganta:

– precisamos organizar a distribuição dos produtos das três comunidades, a nova coleção, nas mesas onde eles serão expostos na Casa da Cultura para o conhecimento do público e para as vendas, que, esperamos, sejam grandes!!!

– alguém também deverá cuidar dos controles dos produtos expostos, anotando as quantidades e tipos dos produtos trazidos por cada comunidade, as vendas no nosso controle de vendas, bem como cuidar do caixa e do dinheiro resultante das vendas.

- não podemos esquecer as fichas para a pesquisa de satisfação dos clientes. Precisamos saber o que os clientes gostaram e o que não gostaram em relação aos produtos e ao nosso atendimento, assim a gente tem condição de melhorar nossos produtos e a forma de atender à clientela. Cliente satisfeito volta a comprar ou indica outros clientes. Cliente insatisfeito não compra mais nunca e ainda fala mal da gente para, pelo menos, dez a vinte pessoas.

- as lideranças de cada comunidade ficarão responsáveis por fazer a chamada de todos os nomes antes de voltarmos depois do almoço, para a gente não esquecer ninguém na cidade.

- acho também que um pequeno grupo deverá ficar responsável por trocar algumas ideias e informações com as entidades apoiadoras presentes.

- se alguém tiver mais alguma sugestão, a hora de falar é essa, concluiu D. Silvestre. A Sra. Mazé, esposa de Zé de Rita, levantou a mão e pediu a palavra, sugerindo que fossem formadas duplas para cada responsabilidade, assim sempre haveria uma pessoa ajudando a outra na realização das tarefas e a



não cometer erros. A proposta foi aceita pela unanimidade presente e as duplas foram formadas.

Apesar do local não ser muito adequado para uma reunião, dentro do busú em movimento, Nêgo conseguia anotar tudo.

A boa coordenação da reunião organizou as falas e isso fez com que todos pudessem ouvir as diversas opiniões, propostas e concluir a reunião com cada artesão e artesã sabendo exatamente qual o seu papel e sua responsabilidade naquele dia de trabalho.

- Pessoal, o time está escalado!!! Chegamos a Euclides da Cunha e agora vamos para o jogo. Boa sorte e um bom Seminário para todos. Vamos fazer bonito e mostrar do que somos capazes.

Falou D. Silvestre com aquele tom alegre que sempre traz na face.

## A NOVA COLEÇÃO É A ATRAÇÃO

Um a um, os artesãos desceram do busú, chamando a atenção de todos que passavam pelo centro da cidade de Euclides da Cunha.

- Sejam bem-vindos e bem-vindas!!!! Sei que acordaram muito cedo e por isso tem um café reforçado esperando por vocês lá dentro.

Falou a Diretora da Casa da Cultura da cidade.



# NO PONTO DE ENCONTRO, O ENCONTRO ACONTECE

## PARTE 1

### GESTÃO ASSOCIATIVA, PRODUÇÃO GRUPLAL E A FORMAÇÃO DE POLOS DE PRODUÇÃO ARTESANAL E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

Tendo sido dado início ao primeiro Seminário do Polo da Palha do Licuri, o MJB foi chamado ao palco pelo mestre de cerimônia para falar de suas experiências nesse Polo. Representando essa entidade, o facilitador de aprendizagem e diretor dessa entidade, George, começou sua fala tratando de como começou essa história.

Ele resumiu a caminhada do MJB na região da seguinte forma:

- No ano 2000 chegamos na região e iniciamos trabalhos com o setor da tecelagem. Mas foi mesmo entre 2003 e 2005 que o MJB começou seus trabalhos de capacitação em Gestão Associativa, Empreendedorismo e Desenvolvimento Sustentável nas associações que hoje formam o Polo da Palha do Licuri.

- Várias organizações trabalharam na construção do Polo da Palha, sendo as de maior destaque a Loro Parque Fundación, entidade com sede na Espanha, o SEBRAE, o Instituto Visconde de Mauá, a SAVE Brasil, o Instituto Arara Azul, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

(ICMBio), as prefeituras de Euclides da Cunha e de Jeremoabo, a Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA), além da Overbrand e do MJB, dentre outros.

- Dois artesãos da Morada Velha, Zé Valdo e Zé de Rita, de modo muito solidário, capacitaram a comunidade de Serra Branca na produção de artesanato de madeira e de palha. De fato, a ação de multiplicação do conhecimento alcançou um bom resultado, pois Serra Branca passou a produzir produtos artesanais de palha e madeira de umburana caída em questão de poucos meses, seguindo a linha de produtos desenvolvidos anteriormente na comunidade de Morada Velha, permitindo o atendimento de pedidos maiores do mercado.



Construção do Estatuto em Morada Velha

- Em 2011 a comunidade do Chuquê também foi capacitada por esses mesmos artesãos nas mesmas técnicas de produção. Assim a comunidade do Chuquê se juntou às outras duas, dando forma ao Polo da Palha do Licuri.



- A partir de 2012 começaram a ocorrer encontros de lideranças de cada comunidade para discussões de assuntos comuns, tais como: qualidade, padronagem, possibilidades de mercado, extração da matéria-prima, regras de funcionamento do Polo da Palha, estatutos, tabela comum de preços, dentre outros temas de interesse comum.

- A partir de janeiro de 2015, a Secretaria do Trabalho, Emprego, Esporte e Renda (SETRE) também passou a fazer parte da história de construção e organização do Polo da Palha do Licuri, quando, através de um edital público, o MJB conseguiu novos recursos para dar continuidade ao apoio a esse polo.

- O Polo da Palha do Licuri é, portanto, um esforço coletivo para

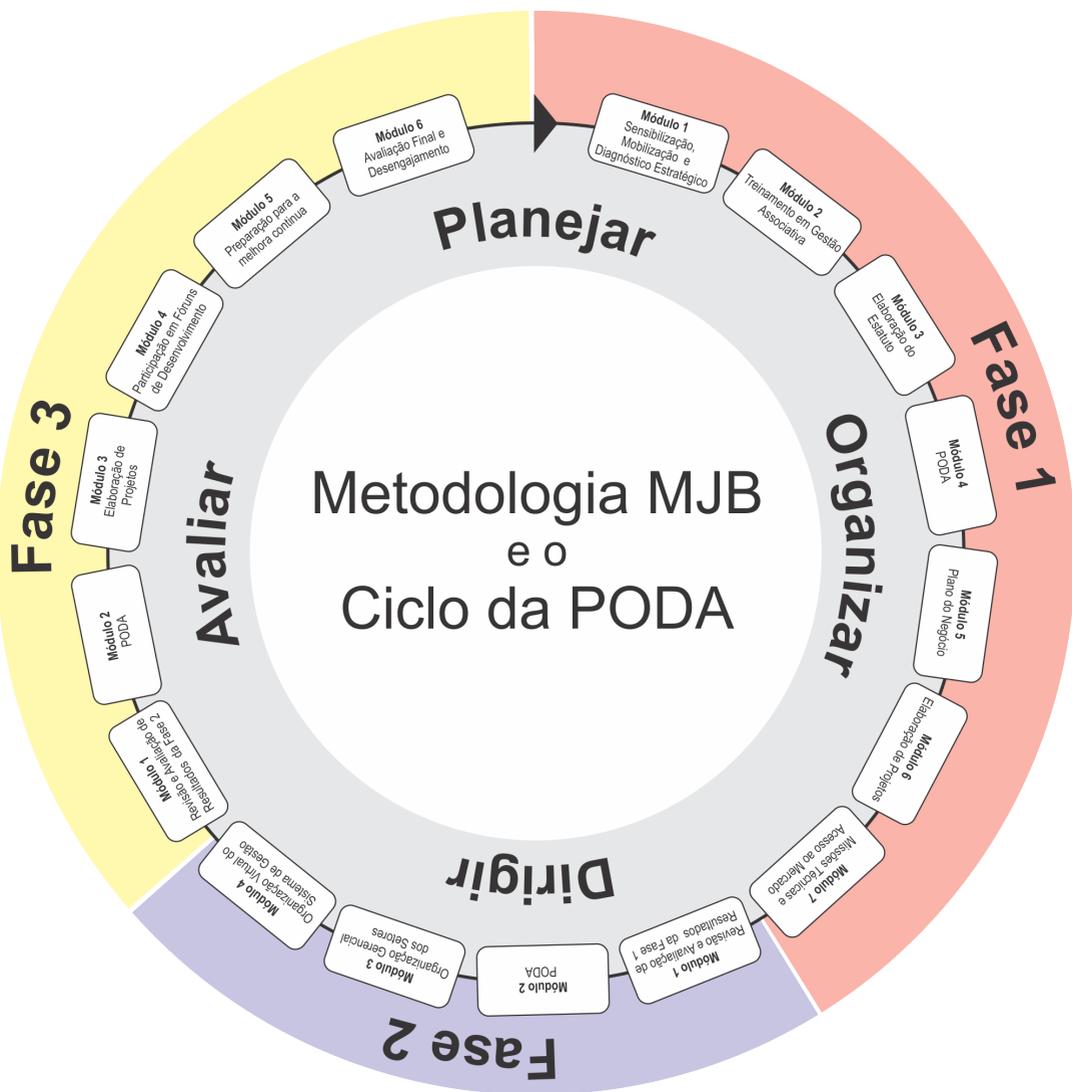
reunir comunidades de artesanato de uma mesma região, com identidades culturais comuns, que desenvolvem produtos com a mesma matéria-prima, mesma padronização de produtos, com inovação e novas possibilidades de inserção no mercado, a partir do aumento da

capacidade produtiva coletiva. Aumentar a produção artesanal com melhoria da qualidade, com inserção no mercado, com preços iguais e alguns custos rateados, faz parte do caminhar desse Polo.

- Como essas comunidades estão localizadas nas áreas de ocorrência da arara-azul-de-leiar, o Licuri passou a ser não apenas importante para essas aves, mas também para as artesãs e artesãos. Desenvolver o artesanato de palha com consciência ambiental, especialmente no que diz respeito ao Licuri e as Araras Azuis, atende ao mesmo tempo a três objetivos da atuação do MJB: o social, o ambiental e o econômico. Sem esses três pontos caminhando juntos não se consegue desenvolvimento sustentável.

Após contar um pouco do histórico da atuação do MJB no Polo da Palha, George falou sobre a metodologia da capacitação do MJB em Gestão Associativa e Desenvolvimento

Sustentável. Ela está estruturada em Fases e Módulos apresentados a seguir, com o objetivo de apoiar outros produtores da região na tarefa de formalizar e administrar suas associações.



## Diagnóstico

Dando algumas dicas para os leitores, a capacitação começa com o facilitador ou facilitadora de aprendizagem chegando à comunidade, reunindo as pessoas e explicando quem é, por que está ali e o que pretende fazer. Se a comunidade concordar, ele começa o diagnóstico nesse mesmo encontro buscando de forma participativa, junto aos grupos, saber os pontos fortes e fracos, bem como as dificuldades e as potencialidades de cada grupo, assim começamos a ter uma idéia da realidade de cada comunidade produtiva, construindo esta etapa coletivamente. Depois combina outras datas para dar sequência à capacitação.

Como a associação não vive sozinha no mundo é importante perceber onde estão as oportunidades e as ameaças fora da associação, em relação aos clientes, aos fornecedores, aos concorrentes, aos parceiros, às instituições de apoio, entre outras coisas que devemos estar atentos no dia a dia, como a política, a economia, a cultura, a infraestrutura e o meio ambiente, que às vezes trazem coisas boas e outras vezes coisas ruins. As oportunidades, temos de aproveitar e as ameaças, temos de ficar longe delas. Ao fazer o diagnóstico da associação isso nos ajuda a PLANEJAR melhor o futuro.

## Treinamento em Gestão Associativa

Nesse treinamento, o MJB interage e conhece mais as pessoas da comunidade, bem como passa a ser mais conhecido. Observa as características do grupo, as facilidades e dificuldades em diversas áreas da administração, tais como o planejamento, a organização, a liderança, os conflitos, os controles financeiros, de vendas e de produção, a cultura associativista do grupo, a capacidade de empreender e gerar uma economia mais solidária, como fazem as reuniões, como decidem as coisas, como prestam contas aos associados, dentre outros temas.

## Planejamento e Ações

Planejar é a primeira tarefa de um administrador ou administradora. Planejar é pensar nos sonhos que queremos transformar em realidade. É pensar na frente dos acontecimentos para se chegar a uma situação desejada. É querer trabalhar organizado. É o momento onde o grupo define os objetivos que quer alcançar, as atividades que deverão ser realizadas para isso, quem serão os responsáveis por realizar essas atividades, quanto tempo e quais os recursos serão necessários para realizar as atividades e alcançar os objetivos.

A segunda tarefa dos administradores é organizar as coisas antes de colocar a mão na massa. A terceira é dirigir ou fazer o que foi planejado. A quarta e última é avaliar os resultados do que foi feito. Depois disso, a tarefa é recomeçar esse ciclo, que o MJB chama de PODA. Podar, no sentido do agricultor familiar, significa cortar partes de uma planta para embelezar, para renovar seus galhos ou para estimular a ramificação e a frutificação. Na gestão associativa, fazer a PODA significa Planejar, Organizar, Dirigir ou fazer as ações planejadas e Avaliar os resultados alcançados. Ao fazer essas quatro tarefas, diz-se que as pessoas estão administrando ou fazendo a gestão da associação.

Daí para frente, as atividades são planejadas conforme a realidade de cada organização, associação ou cooperativa.

**CONSTRUÇÃO COLETIVA E ADEQUAÇÃO LEGAL DO ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO:** *este Módulo ajuda a comunidade a entender o que é um estatuto, quais são as regras estabelecidas por lei para o funcionamento de uma associação, quais regras podem ser criadas pelos associados, quais os direitos e deveres dos associados, dentre outras coisas. Se associação ainda não tiver um estatuto definindo como ela vai funcionar, o MJB ajuda a criá-lo.*

A capacitação do MJB promove a realização de PODAs e outras práticas de gestão. Ela também engloba temas como:

**ELABORAÇÃO DE PROJETOS COM AS ASSOCIAÇÕES:** *a capacitação ajuda as comunidades a elaborar os seus próprios projetos, definindo produtos, para quem vender, como transportar, recursos necessários, dentre outras coisas importantes para a sustentabilidade da organização.*

**BUSCA DE INFORMAÇÕES DE MERCADO E DE NOVAS TECNOLOGIAS DE PRODUÇÃO:** *o objetivo desse módulo é identificar formas de inovar os produtos e conseguir chegar aos mercados compradores com a melhor qualidade possível.*

**ORGANIZAÇÃO DA GESTÃO E DAS INFORMAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO NO COMPUTADOR E NA INTERNET:** *a capacitação estimula os grupos a usarem essas ferramentas para melhorar e agilizar a gestão e a comunicação com o mercado.*

**PARTICIPAÇÃO EM FÓRUNS E COMITÊS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL E TERRITORIAL:** *o MJB estimula os grupos produtivos a participarem de fóruns, como os de Economia Solidária e Comércio Justo, bem como a formar comitês regionais - a exemplo do Comitê do Artesanato do Sertão -, para discutir prioridades do setor e agir para que as coisas aconteçam.*

**MELHORIA CONTÍNUA DA QUALIDADE DOS PRODUTOS, DAS RELAÇÕES HUMANAS E DA VIDA:** *os facilitadores sensibilizam os grupos para a adoção de posturas adequadas com parceiros, clientes, outros associados e até mesmo com a família, visando a oferta permanente de produtos de qualidade.*

E concluiu George:

– Não basta criar e legalizar uma associação, para que tudo funcione bem. É necessário que as associadas e os associados estejam capacitados para administrar esse novo desafio. São muitas responsabilidades para serem atendidas e uma pessoa só não dá conta, por isso todo o grupo precisa ser envolvido na capacitação.

– Realizadas essas ações espera-se que as associações e cooperativas estejam mais profissionalizadas, mais organizadas, com melhor qualidade de seus produtos, com melhor conhecimento de seu mercado e mantendo relacionamento com as entidades de apoio, vendendo mais e com isso aumentando e distribuindo renda para seus associados, desenvolvendo a consciência social e ambiental, o que pode em conjunto proporcionar melhoria na qualidade de vida para muitas pessoas.

– Alcançados esses resultados, a atuação do MJB terá cumprido seus objetivos e é chegada a hora de

finalizar o trabalho da capacitação. A partir daí, a gente tenta todo o possível para acompanhar o caminhar da associação capacitada ao longo de um certo tempo, abrindo caminho para começar tudo de novo com outra comunidade produtiva.

Clac, clac, clac, clac, clac, clac... foram as palmas que a plateia dirigiu para a apresentação do facilitador do MJB, que retribuiu com agradecimentos através de acenos de mão.

## PARTE 2

### **DESIGN SOCIAL, PRODUÇÃO ARTESANAL E ACESSO A MERCADOS**

Em seguida, Mario da Overbrand foi convidado então pelo Mestre de Cerimônia para realizar sua apresentação.

– A Overbrand contribuiu na construção do Polo da Palha do Licuri a partir do ano 2000, com a inserção do Design Social nos municípios de Paulo Afonso, Rodelas e Santa Brígida, através do Projeto Xingô, onde isso ajudou a agregar valor ao artesanato de algumas localidades.

O Design Social é uma ferramenta de desenvolvimento produtivo que valoriza o saber local como eixo de desenvolvimento social e econômico, o desenvolvimento da consciência da importância do trabalho



que busca o bem de uma coletividade e do meio ambiente.

- Este trabalho inicial gerou a produção da primeira linha de produtos. Esta serviu de base para o desenvolvimento de muitos outros produtos e coleções, elaborados posteriormente, que possibilitaram o desenvolvimento do núcleo produtivo de Morada Velha. O núcleo mãe de todo o Polo da Palha do Licuri. A partir disso foi criada uma marca que representa essa Associação até hoje.

- Em 2002, foi desenvolvido o primeiro catálogo de produtos para os artesãos de Santa Brígida, buscando demonstrar a força da cultura local, caracterizada pelos produtos apresentados. Este catálogo serviu de referência para vários outros elaborados posteriormente.

- De lá para cá, foram realizadas diversas ações de melhoria

produtivo, ações de desenvolvimento associativo e inserção de mercado, de forma a valorizar a cultura das diversas comunidades, até chegar ao Polo da Palha do Licuri.

Depois de falar sobre sua atuação na região e na formação do Polo da Palha do Licuri, Mario apresentou alguns números da economia do artesanato e informações culturais do setor.

- O setor do artesanato no Brasil possui elevado potencial de crescimento. Gerou em 2012 um faturamento de 52 bilhões de reais, ocupando mais de oito milhões de pessoas, sendo cerca de 87% dessas composta por mulheres. Assim como o artesanato brasileiro, o artesanato baiano invoca tradições e culturas indígena, africana e europeia, transformando-o numa potencial economia autossustentável de grande importância para a perenidade dos saberes e fazeres da

Design

Design Social

Conscientização

Inserção no Mercado

Melhoria de Processo

Desenvolvimento Produtivo

Conscientização de Valor Agregado

Foco

Estratégia

Objetivo

Cidadão

Processo Participativo

Inclusão

sociedade baiana.

- Com relação à economia, a atividade artesanal é de grande interesse para a Bahia, pois é uma atividade que gera e multiplica trabalho e renda para outras pessoas. Vejam o caso do Chuquê e Serra Branca que não eram produtores de artesanato, mas com o conhecimento de Morada Velha, passaram a ser e até superar seus mestres em vendas!! O artesanato é um estímulo para a promoção e inclusão social através do trabalho, em harmonia com a valorização da cultura dessa região.

- Mas existe um problema a resolver. Nem tudo são flores. Existe uma grande distância entre os artesãos e seus produtos e o mercado onde esses produtos poderiam ser vendidos e muitas vezes o artesão não está capacitado para negociar mais profissionalmente com os compradores. Os artesãos e artesãs sabem produzir, mas conhecem pouco onde, para quem e como



vender e às vezes isso pode limitar a criatividade do artesão no sentido da criação de produtos inovadores que possam ser de maior interesse do mercado. A metodologia usada também promove o conhecimento e a contatação de novos compradores.

O Design Social é uma via que busca solucionar esse problema e que, ao mesmo tempo, procura proporcionar a melhoria da qualidade de vida.

- Não é fácil atuar no desenvolvimento participativo de territórios. A Overbrand realiza oficinas práticas e participativas que levam as pessoas a participarem do desenvolvimento da região onde elas habitam e trabalham, fornecendo também ferramentas de apoio ao processo produtivo e ao processo de comercialização dos produtos.

- Na sua atuação, a Overbrand criou um Programa de Ação que tem 12 etapas, como se pode ver na ilustração ao lado, passando pela

# Programa de Ação para Grupos Produtivos Artesanais

## Sensibilização e Pré-diagnóstico

Etapa de sensibilizar a comunidade divulgando a iniciativa e informando as atividades que serão executadas no decorrer de todo o processo.

## Cadastramento

Um primeiro cadastro é realizado neste momento, com dados principais dos interessados, criando um marco zero em termos de informações do grupo.

## Diagnóstico Estratégico de Design

Levantamento sobre a produção e tipologias, avaliando questões técnicas e organizacionais da comunidade.

## Pesquisa de Identidade Cultural

Etapa participativa de apreensão do contexto social e cultural da comunidade, criando um inventário de informações e icnografias.

## Oficina de Criatividade

Aplicação de dinâmica de potencialização da criatividade com discussão e inserção da identidade local na produção.

## Capacitação Técnica

Etapa de capacitação dos participantes em técnicas de manejo e processamento da matéria-prima.

## Oficina de Organização da Produção

Oficina participativa e prática de organização das etapas de produção

## Oficina de Identidade Visual e Embalagem

Desenvolvido, de forma participativa, o símbolo que representará o grupo e seus produtos, gerando a marca e o sistema de embalagens.

## Oficina de Formação de Preços

Formação dos preços, através da identificação dos elementos de custos, despesas e investimentos.

## Oficina de Desenvolvimento de Coleção

Etapa onde são inseridos de forma mais evidente elementos do mercado e desenvolvidos produtos com temas específicos.

## Desenvolvimento de Material Promocional

Oficina participativa para desenvolvimento do conteúdo do material promocional, com produção de imagens comerciais para divulgação.

## Testes de Mercado e Articulação com Canais de Venda

Maior aproximação com potenciais canais de venda, para possível relação comercial.

sensibilização, conhecimento mútuo entre equipe técnica e comunidade, até as ações de colocação dos produtos no mercado, fazendo testes de mercado e articulação com canais de venda,.

- Estas etapas acontecem de forma sequenciada, buscam que haja real aprendizado dos participantes das oficinas, segue a metodologia do aprender-fazendo, até chegar num conhecimento adquirido pelo artesão em relação ao seu mercado. E que importância tem isso? A resposta é simples: se você conhece o que o seu mercado gosta, é mais fácil produzir o que ele quer ou adaptar um produto que você já faz para o que o seu cliente quer. Esse é um bom passo para que seu mercado continue comprando seus produtos.

Clac, clac, clac, clac, clac, clac... foram as palmas que a plateia dirigiu para a apresentação do facilitador da Overbrand, que também retribuiu à plateia com agradecimentos através de acenos de mão.

Nesse momento o mestre de cerimônia anunciou a realização de um intervalo para a merenda e também para que os presentes pudessem conhecer a mesa com os produtos da nova coleção do Polo da Palha.

Intervalo feito, o burburinho se formou nos corredores, no mezanino da Casa da Cultura onde a mesa com petiscos foi arrumada, bem como em volta da mesa da nova coleção. Muitos elogios foram obtidos pelas artesãs principalmente pela beleza dos produtos coloridos com pigmentos naturais da própria região e também pela qualidade.

Enquanto outros comiam os petiscos, líderes de instituições presentes ao evento se aproximavam das artesãs e artesãos felicitando a todos pela realização do Seminário e convidando as associações a apresentar novos projetos que pudessem ser apoiados por essas instituições. Ao mesmo tempo, alguns repórteres entrevistavam as artesãs, o que significava que o encontro seria posteriormente divulgado nos meios de comunicação e isso era muito bom para as associações, os municípios e o artesanato regional.

Na mesa de produtos as artesãs contabilizavam vendas acima do esperado, uns comprando para uso próprio, outros dizendo que iam dar de presente para parentes e amigos e outros ainda dizendo que iam apresentar para possíveis novos compradores do sul do país. Enquanto o caixa do Polo engordava e a planilha de vendas era preenchida, outras artesãs faziam pesquisas de qualidade junto à clientela presente, usando o formulário criado na capacitação.

O planejamento para as atividades durante o Seminário estava funcionando bem. Passados vinte minutos, os organizadores do evento começaram a chamar as pessoas de volta para o plenário. Chegou então a vez das associações darem seus recados, principalmente considerando que estavam presentes outros grupos produtivos da região, de agricultores familiares, costureiras e outros grupos de produção artesanal e cultural.

Dessa forma, o mestre de cerimônia solicitou a presença do Sr. Zé Valdo, Zé de Rita e da Sra. D. Rita, da Associação de Morada Velha; do Sr. Fabiano e da Sra. Maria Silvestre da Associação do Chuquê e Nêgo, D. Jucileide e D. Edilene da Associação de Serra Branca, bem como chamou também o facilitador George como debatedor dessa mesa redonda.

### PARTE 3

## DISSEMINANDO CONHECIMENTOS: A VOZ DO POLO DA PALHA DO LICURI

George abriu os trabalhos, reforçando que aquele era o momento mais esperado e importante do Seminário, uma vez que seriam as próprias associações falando de suas experiências e por que havia outras associações de outros segmentos presentes ao evento, tais como de agricultores familiares, associações culturais e outros segmentos do artesanato regional que também buscavam novos caminhos para o seu desenvolvimento. Em seguida, passou a palavra para as associações do Polo da Palha do Licuri. O mestre Zé Valdo da Associação de Artesãos de Santa Brígida (em Morada Velha), que trabalha com esculturas em madeira de umburana caída, iniciou a sua fala dizendo:

– o Polo da Palha do Licuri é uma maneira mais fácil de conseguir maior quantidade de produtos para atender a demandas maiores do mercado. Várias vezes já aconteceram do cliente estar querendo fechar com a gente, mas a nossa produção ser pequena para a necessidade dele, aí ele não compra. Então a ideia do Polo é crescer a produção, mas não apenas numa única associação, para poder dar conta de pedidos maiores. Dessa forma, a gente consegue

também gerar e distribuir renda para mais pessoas de várias localidades. Isso significa que o desenvolvimento vai se espalhando pela região. Além disso, foi muito gratificante poder repassar meus conhecimentos para as comunidades de Serra Branca e do Chuquê e poder ver hoje as duas comunidades juntas com Morada Velha realizando esse encontro e expondo conjuntamente os seus produtos.

Zé de Rita, presidente da Associação de Artesanato de Santa Brígida, pediu a palavra e declarou:

– o Polo da Palha do Licuri era um grande desafio para o artesanato da região e também um incentivo para as associações aumentarem suas capacidades produtivas, ter mais peças no mercado e melhorar a renda dos artesãos e artesãs. Como Zé Valdo falou, para mim também foi muito gratificante poder repassar meus conhecimentos para as comunidades de Serra Branca e do Chuquê na parte dos produtos da palha.

Em seguida, Maria Silvestre, artesã nota 10 em qualidade, outra liderança da Associação de Artesãos de Lear do Chuquê, disse:

– o Polo da Palha do Licuri significa fortalecer o artesanato e o



intercâmbio entre as associações, produzir mais, com melhoria de qualidade nos produtos e poder atender a todas as demandas do mercado.



nossas comunidades.

Maria do Carmo da associação do Chuquê pediu a palavra e disse:

- a

Associação do Chuquê

está se

organizando a partir

das capacitações. Estamos

tenho algumas dificuldades, mas também estamos avançando na parte da gestão da associação e da melhoria da qualidade da produção, o que está possibilitando ao Chuquê atender a um grande pedido de uma loja de Salvador, a Tok Stok, juntamente com Morada Velha.

Para Fabiano Lima, presidente da associação do Chuquê,

- a preservação da Arara Azul para o Polo da Palha é muito importante por que é uma espécie natural da região e preservando a alimentação para ela estamos também preservando o Licuri que serve de fibra para os nossos trabalhos de artesanato.

- Assim como Morada Velha que destinou uma área para fazer o manejo do Licuri em bases sustentáveis, com o apoio da Loro Parque Fundación da Espanha e da Prefeitura de Euclides da Cunha, a associação do Chuquê está

Para Nêgo, artesão de peças em madeira da Associação de Artesãos de Lear de Serra Branca, também uma liderança de alta qualidade:

- a nossa associação tem grande demanda de produção, mas não tem uma boa quantidade de matéria-prima por perto e também não tem capacidade de produção suficiente para atender a grandes pedidos, daí a importância dessa articulação entre as associações, que chamamos de Polo da Palha do Licuri.

Valorizando a questão ambiental, D. Jucileide, Presidente da associação de Serra Branca complementou:

- a preservação da Arara Azul para o Polo da Palha é importante não só para o artesanato, mas para as comunidades, por ser uma espécie em extinção que só existe na Caatinga dessa região, que está ajudando a gente a gerar renda para muitas famílias, o que é bom para a economia do nosso território, além de ter aumentado a visibilidade das

caminhando no mesmo sentido, com o apoio da SETRE, do MJB e da prefeitura de Jeremoabo, fazendo um trabalho que poderá resultar na primeira reserva extrativista de Licuri do Brasil e, com isso, ter de forma permanente a matéria-prima necessária à produção artesanal da região. Quem sabe no futuro, a nossa comunidade possa ser fornecedora de matéria-prima para as outras associações do Polo da Palha.

A Sra. Edilene, uma artesã muito simpática e dedicada de Serra Branca, complementou:

– através do cuidado com a Arara Azul, a gente preserva também o Licuri e com isso a gente terá sempre material para fazer o artesanato. Isso representa a sustentabilidade do artesanato dessa região. Tenho muito orgulho em dizer que com o que ganhei com as vendas do artesanato, reformei toda minha cozinha, reformei o telhado da minha casa, comprei móveis, televisões e realizei outros sonhos. Até aqui valeu muito a pena investir no artesanato de palha!

Em seguida, D. Rita da Morada Velha disse:

– a associação está se preparando para participar de uma feira internacional de artesanato, a ser realizada no fim do ano em Minas Gerais, a Mão de Minas. Também temos algumas dificuldades na gestão dessas transformações que vivemos a muitas décadas, mas, por

outro lado, muitas coisas boas estão chegando para nós nos últimos anos. Estamos conseguindo nos organizar melhor, ser mais profissionais na gestão da associação e alcançando novos mercados, o que tem gerado aumento de renda e melhoria da qualidade de vida para nossa comunidade.

Zé Valdo concluiu a fala das associações dizendo para a plateia:

– como disse nossa matriarca, é possível sim criar alternativas para aumentar a renda familiar e criar melhores condições para a convivência com o semiárido. As associações do Polo da Palha do Licuri são a prova viva disso.

Clac, clac, clac, clac, clac... mais uma vez, as palmas foram ouvidas com força ainda maior, ao tempo em que as artesãs e artesãos agradeciam à plateia.

Em seguida, o Mestre de Cerimônia chamou para compor a mesa redonda do final do encontro, as representantes das prefeituras de Euclides da Cunha e de Jeremoabo, bem como os representantes do SEBRAE, da Loro Parque Fundación, do ICMBio, do Instituto Mauá, da SETRE e das três instituições internacionais presentes, o SEMEAR-IIICA, o FIDA e a AECID, todas entidades apoiadoras do artesanato regional, para dar seus depoimentos.

Ao final das exposições, o Mestre de Cerimônia chamou Marcelo e Frank, facilitadores do MJB para fazer o encerramento do Evento. Eles colocaram, um após o outro que, para possibilitar a realização e a sustentabilidade das práticas sociais apresentadas no Seminário, é necessária muita articulação e realização

de parcerias. Nenhuma entidade constrói sozinha um trabalho como esse.

A busca por recursos financeiros e apoios diversos deve ser feita batendo em várias portas diferentes. Sem recursos financeiros e outros apoios é muito difícil ajudar as comunidades e pensar na sustentabilidade da própria prática social do MJB. Essa é uma dura realidade a enfrentar e a superar.

As metodologias aplicadas no apoio ao desenvolvimento de comunidades de artesanato do sertão tanto pelo João de Barro quanto pela Overbrand se complementam e estão demonstrando atender ao objetivo de disseminação de conhecimentos tecnológicos, de gestão e de mercado, dado que foram aplicadas também em outros grupos de produção artesanal e não artesanal em outras regiões do Estado da Bahia com razoáveis resultados. Essa difusão de conhecimentos produziu efeitos positivos na criação de novas oportunidades de negócios associativos da região e na geração de renda nas comunidades trabalhadas.

Marcelo concluiu, então, a fala do MJB e deu por encerrado o evento, agradecendo a todos pela presença e participação, bem

como convidando todos os presentes para o almoço a ser oferecido pelos parceiros patrocinadores, dizendo ainda que amigo é coisa para se guardar do lado esquerdo do peito, conhecimento é para se multiplicar em todas as direções.

## **DE VOLTA AO LAR, DOCE LAR, NA COMPANHIA DOS ASTROS DO SERTÃO**

Após o almoço de confraternização, ainda em Euclides da Cunha, a comitiva retornou para suas comunidades fazendo a resenha do Seminário e a avaliação dos resultados imediatos e daqueles que estariam por vir. Era mais uma PODA realizada para a frutificação dos negócios das associações do Polo da Palha do Licuri.

As Araras Azuis já repousavam em suas tocas, enquanto D. Lurdes aguardava a chegada de Zé Valdo, de volta ao lar, lar doce lar, em Morada Velha, ao tempo em que admirava o céu estrelado daquele início de noite. De repente, durante segundos, estrelas brilharam intensamente, como alguém que parte, mas deixa um forte rastro de luz. A lua cheia se juntou ao espetáculo e com as estrelas fizeram a noite virar dia.

Uma luz para o sertão, para o povo sertanejo e também para as Araras Azuis!!! Em seguida, como que encerrando aquele espetáculo, puderam ser vistas estrelas cadentes movimentando a noite, sugerindo a todos que na estrada de volta para casa fizessem uma oração agradecendo por tudo que aconteceu nesse dia, no ponto de encontro, com a bênção dos que já foram e dos astros do sertão...

“...QUEM SUPÕE QUE SEJA POSSÍVEL CONHECER TODAS AS COISAS, IGNORA A PRÓPRIA NATUREZA DO CONHECIMENTO.” Platão



Tatu-bola do Chuquê

## Como nos Encontrar



**Associação de Artesãos de Santa Brígida**  
(localidades de Morada Velha e Araújo)  
55 75 98847-9252 / 98841-4168  
(artesãos Zé de Rita e Zé Valdo)



**Associação dos Artesãos de Lear do Chuquê**  
(Assentamento Chuquê)  
55 75 99896-5362  
(artesã Edilene)



**Associação dos Artesãos de Lear de Serra Branca**  
(Assentamento Serra da Chapada)  
55 75 99955-2969  
(artesão Amilton)

## Equipe Técnica

### ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO JOÃO DE BARRO

**Marcelo Fróes Barbosa**

Diretor Presidente e Coordenador Executivo do Projeto.

**George Maurício Moura Arapiraca**

Diretor Financeiro e Técnico do Projeto.

**Frank Rodrigues Lorens**

Diretor Secretário e Técnico do Projeto.

### OVERBRAND DESIGNERS ASSOCIADOS

**Mario Bestetti**

Diretor Executivo e Técnico do Projeto.

### Revisão

**Maria Solange Ferreira Sampaio**

### Fotografias/Imagens

**Mario Bestetti**

**George Maurício Moura Arapiraca**

### Impressão

**1ª. Edição, 1ª. Impressão (2015):**

**Tiragem 800 exemplares.**

**“Esta Cartilha foi contemplada pelo Edital Nº 01 / 2014 de Apoio a Propostas de Gestão do Conhecimento em Zonas Semiáridas do Nordeste do Brasil promovido pelo Programa Semear (FIDA/IICA/AECID).”**



kit porta copo da nova coleção



Realização



Co-Realização



Parceria

